

Crítica // *Evidências do amor* ★★★★★

Haja gargalhada amorosa!

Ricardo Daehn

Numa batida muito diferenciada entre as opções para *Faroeste caboclo* e *Eduardo e Mônica*, para a recriação em cinema da canção *Evidências*, o diretor da comédia Pedro Antonio (de *Um tio quase perfeito*) se descolou da base e viajou na ruptura de amor de Marco Antônio (Fabio Porchat) e Laura (Sandy Leah). Deu certo: há bela união entre os atores, que interagem em harmonia — de repente, a perfeição se esvai. Até o encontro com o compositor José Augusto (coautor

Cena de *Evidências de um amor: comédia romântica*

de *Evidências*, música que determina o destino dos personagens), o casal será perseguido por antigos sentimentos, num enredo de completo looping.

Sem se render ao artificial do mundo dos algoritmos, o filme acusa a universalidade das relações e também dos desencaixes amorosos.

Marco se via como “o namorado perfeito”, e atribui “piração” à ex-amada (“complicada”). A aparente loucura de Marco invade espaços inusitados como o do batizado do afilhado e o liquidado no trabalho. Em meio a situações hilárias (desde monetizar com app chamado de ex-commerce, com

vendas de quinquilharias deixadas por ex), a simbólica presença de Sandy (que se sai bem em cenas como a da coreografia agitada de Cheia de manias), a desenvolta presença humilhada de um largado Porchat e um império de boas e más lembranças do passado montam bom cenário paras risadas.

ENTREVISTA

Pedro Antonio, diretor

A comédia infalível trabalha com quais elementos?

Eu acho importante sempre estar atento à comunicação com o público durante o meu processo. Eu amo o cinema, e assisti a muitos cineastas que carregavam isso: Hitchcock, Billy Wilder, Steven Spielberg, Robert Zemeckis. Eu busco nos temas universais uma sincronia com a elaboração do roteiro e realização. Para mim, a comédia é uma combinação de vetores, entre os quais destaco a surpresa, o exagero, a repetição e o contraste. Porém, nada disso se aplica sem bons comediantes. Eu acho que o maior embate para quem faz comédia é imaginar a reação

ao riso, nunca previsível.

Que potencial viu de química entre Porchat e Sandy?

Desde as primeiras leituras do roteiro, vi. Eles estavam muito à vontade, se divertindo e admirando um ao outro e respeitando a troca. Sandy traz um lado romântico afetivo que orna muito bem com a comichidade e sensibilidade do Fábio. Os dois estavam muito empenhados em dar certo o tempo todo. E isso imprime.

De quem partiu e como foi executada a chocante cena da nudez?

A gente precisava de algo radical, de ação louca do personagem. Lembramos

WARNER BROS/DIVULGAÇÃO



das atitudes do Bill Murray em *Feitiço do tempo*. Ali ele até se joga do penhasco. Então, a cena precisava mostrar o desespero e a sensação de prisão do Marco Antônio, só que ao mesmo

tempo um senso de liberdade absurda. Com isso, a coisa da nudez pintou. E o Fábio topou, na hora. Ele é muito engraçado!

Teu cinema é de razão ou de emoção?

Olha, difícil. Mas se eu tivesse que escolher, diria a emoção. Eu adoro cenas emotivas e penso nelas de forma emotiva muitas vezes. E, para mim, na hora de fazer comédia, apesar de matemática, é uma ação intuitiva. O instante cômico precisa ser pensado racionalmente claro, mas a execução é emocional, e eu tive a alegria de ter uma infância e adolescência com muita arte em casa.